

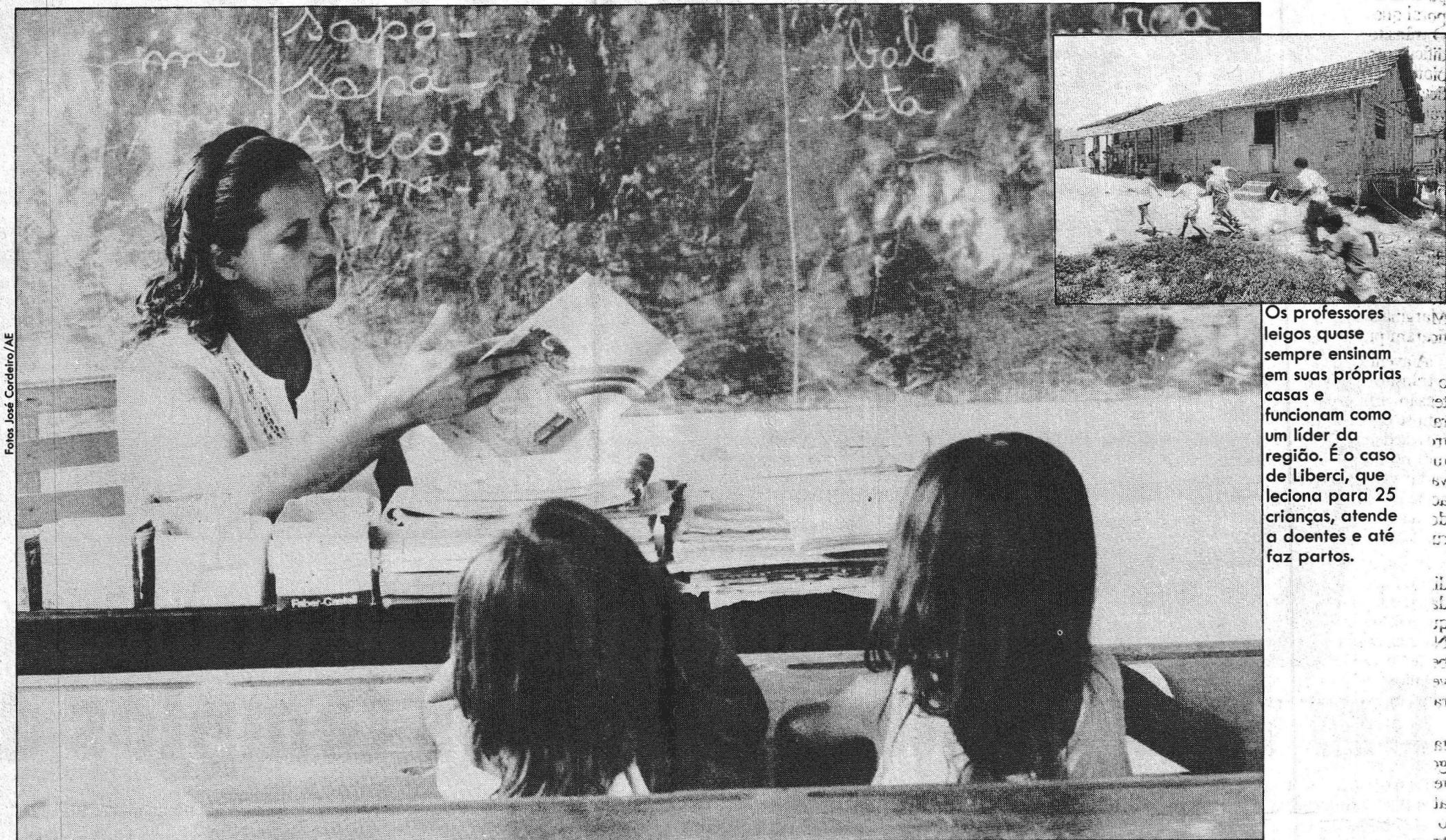
# Eles ensinam sem diploma. Por vocação.

Eles não têm diploma, muitas vezes não sabem o que significa a palavra licenciatura e em alguns casos, nos intervalos de aulas, vão para a cozinha fazer a merenda dos alunos. São os professores leigos. Na conceção pedagógica, professores não habilitados legalmente para lecionar em determinadas séries. Para dar aulas da 1ª à 4ª série do 1º Grau, por exemplo, é necessário ter o curso de 2º grau completo com formação para magistério. Da 5ª à 6ª, o quarto ano especial do magistério é obrigatório e da 7ª à 8ª, o professor precisa ter formação universitária. Caso contrário, são considerados leigos.

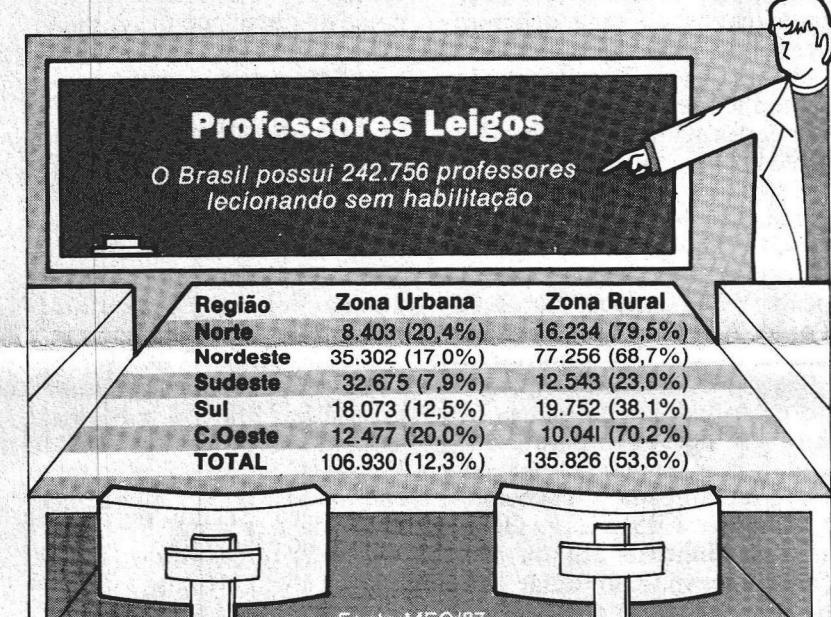
Existe no Brasil um contingente de 242.756 professores — cerca de 22% do total de profissionais do país — lecionando no 1º Grau, sem a habilitação exigida por Lei, sendo que 53% deles nas zonas rurais. O próprio Ministério da Educação calcula que, considerada uma média de 30 alunos por professor, mais de 7 milhões de crianças, no Ensino Básico, estão sendo educadas por professores leigos.

Mas o problema do magistério no Brasil vai muito além. Recuperar a dignidade da profissão implica não só corrigir distorções como a dos leigos, mas principalmente trazer de volta um prestígio há muito tempo perdido. "Quem vai fazer faculdade para ganhar Cr\$ 280,00 por hora?", revolta-se João Antonio Felício, presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, APEOSP. "A falta de valorização leva à baixa qualificação do professor."

Um profissional com nível universitário recebe hoje entre 2,5 e 9,5 salários mínimos para lecionar nas escolas da rede estadual. Nas escolas municipais, somente 30% dos professores com essa formação recebem salários superiores a 2 mínimos. Segundo o próprio MEC, em certas regiões da zona rural a remuneração não chega a 1/8 do mínimo, algo em torno de Cr\$ 1.041,00. "O que se pode exigir desses professores?", questiona Felício. "Muitos nem têm idéia de quanto vale o próprio trabalho."



Os professores leigos quase sempre ensinam em suas próprias casas e funcionam como um líder da região. É o caso de Liberci, que leciona para 25 crianças, atende a doentes e até faz partos.



## Em Passa Três, Zezé mostra às crianças como gostar da escola.

Em 1987, Maria José Pires Nogueira dava uma palestra sobre métodos de alfabetização. Ao final de sua exposição, sob os elogios de educadores recém-formados, contou de seu orgulho em ser uma professora leiga. "Como assim, leiga?", perguntou-lhe uma jovem. E Maria José então falou que sua formação escolar havia ido apenas até a 8ª série do 1º Grau, o que não a habilitava a lecionar até 4ª série, como faz há 30 anos. A surpresa foi geral.

Afinal, Maria José, ou **Zezé**, como é conhecida em Passa Três, distrito de Rio Claro, não é um

exemplo típico de "leiga". Pelo contrário, é tida como a maior autoridade em educação na região — afinal seus alunos não repetem — nem abandonam as aulas e a maioria passa para a 5ª série com perspectivas de chegar até o 2º Grau. "Criança comigo aprende a gostar da escola", orgulha-se. "Não encara o estudo como um castigo."

Nas duas escolas municipais em que leciona — Ponte do Trevo e Amália Borges — **Zezé** desenvolveu a mesma estratégia para manter seus alunos interessados. Trabalha com a realidade das crian-

ças, ensinando quase sempre em hortas, à beira de rios, entre bichos e plantas. Sala de aula, só depois da observação, do aprendizado junto à natureza, e, mesmo assim, com as cadeiras em círculo.

No quintal das escolas, as crianças fazem canteiros de flores em formas geométricas, depois medem os lados, contam quantas plantas cabem no canteiro e vão para a sala formular problemas uns para os outros. "Eles mesmos criam os exercícios e os resolvem", explica a professora. "Junto eu vou dando a matéria do dia. E sem que eles percebam estão aprendendo coisas chatas como fórmulas de geometria."

Quando ouviu falar do Método Paulo Freire, de Alfabetização, a professora descobriu que já o utilizava sem saber. Passou então a procurar seus livros para ler e a frequentar cursos que divulgavam sua teoria.

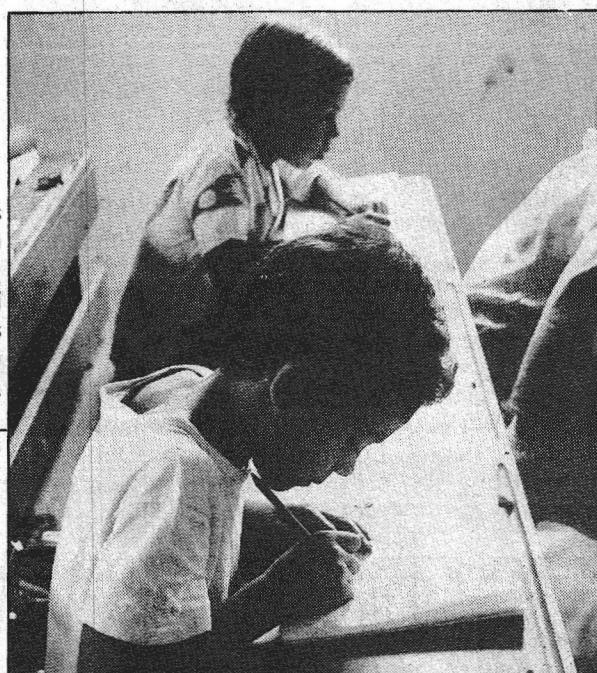
Nenhum livro didático, apenas jogos e brincadeiras para entreter os alunos.

Conheceu o educador em 1987, num congresso na Universidade Federal Fluminense — e de tão empolgada, apresentou-se a ele apenas para dizer que era uma professora leiga, mas trabalhava com seu método e estava obtendo excelentes resultados. "Ele até me deu os parabéns", vangloria-se.

Ao contrário da maioria das leigas, **Zezé** não gosta de livros didáticos. Cria seus próprios métodos com jogos e brincadeiras. E quando sente a necessidade de algo que os livros ou a prática não lhe oferecem, mimeografa uma apostila e entrega às crianças. Avaliação, só para satisfazer à burocracia do sistema de ensino e à exigência dos pais. "Sei o que os alunos estão aprendendo, não é uma prova que determina se ele é bom ou ruim", afirma. "Prefiro avaliar seu desempenho."

Por isso **Zezé** guarda para si o mérito de conquistar uma aluna como Valdirene Bibiano, de 14 anos, que já havia abandonado os estudos e agora anda cerca de 8 km por dia para chegar até a Escola Ponte do Trevo. "Gosto porque aprendo bastante", simplifica a menina. "Não dá nem vontade de ir embora." Para a professora, que também anda cerca de 5 km por dia para dar aula, a recompensa é justamente o reconhecimento da criança. "Tenho alunos que já se formaram médicos e engenheiros e até hoje me telefonam para dizer como estão", orgulha-se. "Eu ensinei meus cinco filhos e hoje estão todos formados na Universidade. Educar é um desafio da vida e eu venci esse desafio."

## avião ave avó avô abelha abacate



Em época de colheita, muitos alunos abandonam a escola para ajudar os pais. Para fazê-los voltar, Liberci sai a cavalo convencendo as famílias da importância de nunca parar com os estudos.

## Liberci, uma segunda mãe em Sertão das Palmeiras.

O dia da professora Liberci Aguiar, 46 anos, começa com o canto do galo, pelas 5 da manhã. Quase sempre seus dois filhos — Fábio, de 18 anos, e Wagner, de 16 — já estão no balanço colhendo as pencas maduras. Ela aproveita a ausência dos dois para pôr um pouco de ordem na casa que, embora de pau-a-pique, está sempre limpa e organizada. O maior problema, a poeira vermelha que gruda em tudo, Liberci resolve salpicando um pouco de água no chão.

Os trabalhos domésticos lhe tomam o tempo exato até que, por volta das 11 horas, surge uma criança na porta de sua cozinha e grita: "Tia, chegamos". Liberci, então, apressa-se em lavar as mãos sujas, enxugá-las na própria roupa e amontoar seus 25 alunos na sala de aula, um porqueno cômodo construído ao lado de sua casa. Às 14 horas, Liberci volta para a cozinha e prepara, com suas próprias

mãos, a merenda das crianças.

Essa rotina faz parte da vida de Liberci há 31 anos. Quando era criança, o pai Josino Laurentino tentou a sorte de ter seu próprio sítio em Sertão das Palmeiras — um lugarejo de aproximadamente 500 habitantes na zona rural de Rio Claro, a 170 km do Rio de Janeiro, onde ela está até hoje. Assim que se instalou, Josino, protestante dos mais convictos, decidiu que a criança da vizinhança não podia crescer sem ler a Bíblia, o único livro que ele próprio conhecia. Foi o primeiro professor da região. Entre seus 75 alunos, estavam seis 13 filhos e ele deixou para Liberci a tarefa de ensinar.

Sempre como professora leiga de 1º Grau, ela lecionou dos 15 aos 33 anos sem ganhar nada. Só então a Prefeitura de Rio Claro transformou o barracão no fundo de sua casa na Escola Municipal Fazenda das Palmeiras e ela passou a receber um salário —

que hoje é de Cr\$ 10 mil por mês. "Ganho o triplo vendendo bananas", garante.

No velho quadro negro, onde quase não se enxerga o desenho das palavras, ela copia os exercícios dos livros didáticos que recebeu da prefeitura em 1986. "Queria muito receber livros novos", confessa. Enquanto os livros atualizados não chegam, Liberci admite que nunca cria novos métodos de aula por já estar acostumada com os que as crianças entendem melhor.

Para a coordenadora da Divisão de Educação de Rio Claro, Marialva Feijó Frasão Costa, 59 anos, o livro didático é fundamental para o professor leigo. "Eles dependem muito das respostas que vêm nos livros", afirma. O difícil contato com esses professores, no entanto, acaba dificultando um intercâmbio mais frequente.

Para marcar presença nas reuniões mensais dos professores do

município, Liberci é obrigada a uma verdadeira maratona. Levanta às 4 da madrugada e percorre 9 km na sela de um cavalo para encontrar um caminhão de leite que lhe dá carona nos próximos 40 km até Rio Claro. "Se não fossem essas reuniões, eu nunca sairia de casa", analisa Liberci, que foi duas vezes ao Rio — o lugar mais distante que conhece —, viu televisão apenas três ou quatro vezes na vida e nunca leu um jornal.

Com a chegada da força elétrica, prometida para dezembro, Liberci pretende realizar o maior sonho da sua vida: ter uma geladeira. Com ela, vai poder receber outros tipos de merenda escolar e conservar melhor a comida. "Merenda é a coisa mais importante para as crianças", resume. "Elas só frequentam a escola porque sabem que vão comer". Por isso muitas delas viajam, a pé, distâncias nunca menores que 3 km. "Uma vez chegou

aqui um menino suando frio e pedindo algo para comer. Acabou devorando cinco pratos de arroz e feijão."

Na opinião do Secretário de Educação, Edu Fragoso, as professoras de zona rural têm um papel social muito importante. "Elas são mais do que professoras", explica. "São médicas, enfermeiras, conselheiras e até parceiras". E não raramente Liberci dá exemplos de que ser professora no interior exige muita dedicação. Em época de colheita, por exemplo, ela sai a cavalo em busca de seus alunos que deixam de estudar para ajudar os pais, colonos. "Eu tento convencer o pai de que a criança não pode parar de estudar", conta. Todo o esforço de lecionar, segundo Liberci, só vale a pena por um motivo: "É bonito ver um aluno depois de grande pedindo a benção para mim. Gosto quando eles falam que eu sou uma segunda mãe".